

## CAPÍTULO 8

# SISTEMATIZANDO PADRÕES DIALETAIS MORFOSSINTÁTICOS: MOBILIDADE E CONTATO

Manoel Siqueira, Marta Deysiane Alves Faria Sousa &  
Fernanda Gabrielle Costa Rodrigues

### 8.1 INTRODUÇÃO

Em estudos sociolinguísticos no Brasil, a mobilidade é abordada como um fator importante para observar a variação e mudança linguística. Isso decorre do fato de que, ao migrar, falantes entram em contato com variáveis linguísticas não pertencentes a sua comunidade de origem (TRUDGILL, 1986), podendo haver mudança no modo como eles fazem uso de sua língua ou até mesmo a difusão de suas próprias variantes para a nova comunidade (BRITAIN, 2008).

Considerando o dialeto como uma variedade (tipo de língua considerada como entidade única) que pode ser caracterizada por pronúncia, léxico e morfossintaxe distintos de outras variedades (CHAMBERS; TRUDGILL, 2004), neste trabalho, objetivamos descrever o comportamento linguístico de quatro variáveis morfossintáticas que podem ser dialetalmente distintas, a saber: i) pronomes pessoais do caso reto de segunda pessoa do singular (*tu vai* x *você vai* x *cê vai*); ii) clíticos de segunda pessoa do

singular (*te* vi x *lhe* vi); iii) possessivos de segunda pessoa do singular (*seu* gato x *teu* gato); e iv) preposições *a*, *em* e *para* quando introduzem complementos locativos de verbos de movimento.

De modo a cumprir com nossos objetivos, e entendendo que a migração, a inserção e a integração em novas comunidades podem interferir na mudança linguística, trabalhamos com a amostra Deslocamentos (2020), constituída pela fala de estudantes da Universidade Federal de Sergipe (UFS) e estratificada com base na região de origem desses estudantes (oriundos de Sergipe, Alagoas e Bahia) e em seu acesso ao campus em termos de mobilidade, bem como em seu tempo no curso de graduação (início e final). Partimos da hipótese de que as variáveis morfossintáticas selecionadas são dialetalmente distintas, podendo apresentar diferentes comportamentos entre os perfis de deslocamento, e que, em decorrência do contato e da integração do estudante universitário por vias de tempo ao ambiente acadêmico, pode haver mudança em sua fala quanto aos usos das variáveis linguísticas selecionadas.

Para demonstrar como fizemos para alcançar o objetivo delimitado e verificar a nossa hipótese, dividimos este artigo em cinco seções. Na primeira, apresentamos uma breve contextualização acerca dos estudos sobre contatos e mobilidades, situando nosso estudo dentro desse escopo. Na segunda, apresentamos os procedimentos metodológicos da constituição da amostra pesquisada. Na terceira, relatamos os procedimentos de levantamento e análise dos dados. Em seguida, na quarta seção, apresentamos os resultados e os discutimos em relação a estudos anteriormente realizados sobre as variáveis. Por fim, apresentamos as considerações finais.

## 8.2 A MOBILIDADE COMO FATOR EXPLANATÓRIO NA PESQUISA SOCIOLINGÜÍSTICA

Pesquisas sociolinguísticas têm demonstrado a influência da mobilidade como difusora de inovações linguísticas e como condicionadora de variação e mudança linguística (BRITAIN, 2008; BORTONI-RICARDO, 1985). Evidências dos efeitos da exposição a um novo ambiente e a novas redes são encontradas em estudos realizados em português brasileiro (PB). Por exemplo, Bortoni-Ricardo (1985, 2011) verificou, ao descrever como os migrantes rurais ajustam sua fala ao ambiente urbano da capital do Brasil, Brasília, que migrantes com maior índice de integração e urbanização mostraram maior tendência a empregar formas consideradas padrão (como primeira pessoa do plural e concordância verbal de terceira pessoa). Quanto mais integrados à nova comunidade os falantes estavam, maior a tendência desses falantes de mudar seu comportamento linguístico de tipicamente rural para um comportamento linguístico mais urbano.

A metodologia de tempo aparente (LABOV, 1972) fornece uma compreensão dos efeitos de longo prazo da exposição a novas variáveis linguísticas, uma vez que permite acessar a extensão da contribuição da acomodação interpessoal para a mudança (AUER, 2007). Estudos que consideram essa ferramenta metodológica demonstram

que, ao comparar migrantes de diferentes tempos de exposição, as taxas de uso de variáveis linguísticas costumam ser diferentes (cf. CAMPBELL-KIBLER et al., 2014), como demonstra o trabalho de Oushiro (2019), que compara a fala de migrantes de um estado do Nordeste do Brasil que hoje vivem em estados do Sudeste com a fala de nativos desses estados para descrever o comportamento das vogais pretônicas /e/ e /o/. Os resultados mostram a existência de migrantes cujo comportamento linguístico se aproxima dos padrões da nova comunidade, não havendo diferenças significativas quanto à pronúncia das vogais pelos nativos das comunidades de acolhimento. A migração no início da adolescência para a nova comunidade levou a uma acomodação mais confluyente dos falantes nordestinos aos padrões vocálicos do Sudeste. A idade no momento da migração parece desempenhar um papel importante na mudança linguística.

Guedes (2019), ao descrever a fala de paraibanos migrantes em contraste com a fala de paulistanos e paraibanos não migrantes quanto aos usos de artigo definido antes de possessivos (*a nossa escola* x *nossa escola*), observa que a integração dos indivíduos na nova comunidade, aferida por meio de sua rede social, juntamente ao deslocamento de sua zona de origem para uma nova alocação, apresentam-se como variáveis que justificam o comportamento linguístico dos migrantes mais similar à nova comunidade (49% para os migrantes e 46% para os paulistanos), do que ao comportamento de sua comunidade de origem (58% para os paraibanos).

Em circunstâncias de alto deslocamento e migração, como em uma universidade, o contato linguístico dos falantes pode ser potencializado. No ambiente universitário, há um ciclo de deslocamento profuso, com falantes originários de múltiplas regiões dialetais que entram em contato entre si. Isso é bem observado no trabalho de Corrêa (2019), que descreve a palatalização de /t/ e /d/, como em *tia* e *dia*, na fala de universitários da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Os resultados mostram que são os alunos de fora do estado que mais palatalizam, enquanto os internos ao estado apresentam baixa frequência de palatalização. A autora observa que quanto maior o tempo de inserção na comunidade, maior a frequência de uso da variante palatal. Ribeiro (2019) também destaca a relação dos falantes com a mobilidade na mesma comunidade. A autora mostra que a taxa de uso do *ni* como preposição locativa (oposta a *em*) é maior com falantes do interior do estado, enquanto aqueles da região metropolitana do estado e fora do estado apresentam as menores frequências. Além de que, quanto maior o tempo de inserção na comunidade, menor a frequência de *ni*, uma vez que essa variante tem caráter rural, sendo estigmatizada. Ambos os estudos demonstram que a exposição prolongada a novas variantes pode alterar o comportamento linguístico dos migrantes: quanto mais se integram ao ambiente acadêmico, mais mudam seus usos linguísticos.

Os estudos que controlam a mobilidade têm demonstrado que, mesmo de maneira inconsciente, os falantes inclinam-se a adotar padrões linguísticos da nova comunidade buscando sua integração ao novo ambiente (SIQUEIRA, 2021). Como argumenta Siqueira (2021, p. 20), falantes “tendem a mudar seu comportamento linguístico com base nas normas de sua nova comunidade”. Nesse sentido, quanto maior o grau

de integração à nova comunidade, maior o grau de mudanças em sua língua, advinda tanto do contato quanto do engajamento dos falantes. A mobilidade propicia situações de contato, diversificando os usos linguísticos, ampliando a variação e propiciando a mudança linguística, como observado nesses estudos descritos.

### 8.3 CONSTRUINDO UMA AMOSTRA DE MOBILIDADE

A amostra utilizada para o desenvolvimento deste estudo é extraída do *Banco de Dados Falares Sergipanos* (FREITAG, 2013), como parte do projeto *Como Fala, Lê e Escreve o Universitário?* (FREITAG, 2018), e rotulada de Deslocamentos 2020 (Quadro 8.1), uma vez que considera a fala de estudantes universitários com base em seu acesso à universidade em termos de mobilidade e região geográfica, já que os falantes são originários de três estados diferentes: Sergipe, Alagoas e Bahia.

**Quadro 8.1:** Deslocamentos 2020

Deslocamento 1	Estudantes da UFS nascidos na Grande Aracaju (Aracaju, Nossa Senhora do Socorro, São Cristóvão e Barra do Coqueiros) e que residem nela
Deslocamento 2	Estudantes da UFS nascidos no interior de Sergipe que fazem o trajeto diário para a UFS
Deslocamento 3	Estudantes da UFS nascidos no interior de Sergipe que residem na Grande Aracaju
Deslocamento 4	Estudantes da UFS nascidos e criados em Alagoas e Bahia, que atualmente residem na Grande Aracaju

Além de ser estratificada quanto ao deslocamento do falante, a amostra leva em consideração (1) o *tempo no curso* do falante, segmentado em *início* (do 4º período para baixo) e *final* (do 5º período para cima) e (2) *gênero* do falante, dividido entre *masculino* e *feminino*. Temos uma amostra composta por 60 entrevistas; cada perfil de deslocamento com 12 falantes (Tabela 8.2).

**Quadro 8.2:** Amostra Deslocamento 2020

	Início		Final	
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
Deslocamento 1	3	3	3	3
Deslocamento 2	3	3	3	3
Deslocamento 3	3	3	3	3
Deslocamento 4				
Alagoas	3	3	3	3
Bahia	3	3	3	3

O fato de a amostra ser estratificada conforme o tempo de curso nos permite realizar a pesquisa com base na metodologia de tempo aparente (cf. LABOV, 1994): a distribuição da variável linguística por meio de diferentes níveis temporais.<sup>1</sup> Observar a fala dos estudantes com base em diferentes níveis de tempo de inserção ao ambiente universitário pode apresentar indícios de mudança nos usos das variáveis aqui estudadas.

A coleta dos dados segue o protocolo definido para o banco de dados *Falares Sergipanos* (FREITAG, 2017), com entrevistas de cerca de 40-60 minutos a partir de um roteiro de questões variadas.<sup>2</sup> Os diferentes perfis geográficos, juntamente aos diferentes tempos de inserção dos estudantes na comunidade acadêmica, permitem a exploração e descrição do comportamento de fenômenos variáveis que apresentam distinção dialetal. Esperamos, por meio desta amostra, obter dados que evidenciem que as variáveis mobilizadas apresentam comportamentos distintos entre os perfis de deslocamento, podendo haver mudança na fala dos informantes como possível efeito do contato e da integração do estudante por vias de tempo.

## 8.4 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

As entrevistas que compõem a amostra foram submetidas ao programa LancsBox (BREZINA et al., 2020), *software* que realiza análises linguísticas em *corpora*, faz a etiquetagem das palavras utilizadas na fala quanto à classe gramatical à qual pertencem e realiza a busca automática de todas as realizações das variáveis morfossintáticas pesquisadas, a saber: i) pronomes pessoais do caso reto de segunda pessoa do singular (*tu* vai x *você* vai x *cê* vai); ii) clíticos de segunda pessoa do singular (*te* vi x *lhe* vi); iii) possessivos de segunda pessoa do singular (*seu* gato x *teu* gato); e iv) preposições locativas de verbos de movimento (*vou a* São Paulo x *vou em* São Paulo x *vou para* São Paulo).

As variáveis controladas para observar o comportamento dos fenômenos selecionados são as da própria amostra – deslocamento e tempo no curso –, mobilizadas com vistas a confirmar/refutar nossa hipótese, a de que os fenômenos descritos apresentam comportamentos distintos entre os perfis de deslocamento, podendo haver mudança na fala dos informantes como possível efeito do contato e da integração do estudante por vias de tempo à comunidade acadêmica.

Para apresentar as medidas descritivas dos resultados, as frequências observadas, e para testar a associação entre os fenômenos e as variáveis controladas, utilizamos técnicas estatísticas descritivas e inferenciais. Realizamos teste de qui-quadrado, de modo a verificar se a frequência absoluta observada de uma variável é significativamente diferente da distribuição da frequência absoluta esperada. Consideramos  $\alpha$

- 1 Labov (1994) utiliza diferentes níveis de idade como modo de observar a mudança em tempo aparente. Aqui, utilizamos diferentes níveis de tempo na comunidade.
- 2 Para a constituição da amostra, contou-se com um total de 9 pesquisadores, aos quais somos gratos: Bruno Marques, Paloma Cardoso, Viviane Novais, Fernanda Rodrigues, Lucas Silva, Mauro Jr., Vitória Silva, Victor Souza e Manoel Siqueira.

como 0.05: um p-valor maior que 0.05 aponta que não há significância estatística na distribuição, os dados são efeito do acaso e não há interferência do deslocamento e do tempo no curso sobre os usos das variáveis linguísticas; enquanto um p-valor menor evidencia 0.05 para significância, o deslocamento e o tempo no curso interferem nos usos, o que nos leva a confirmar nossa hipótese de pesquisa. Usamos o  $V^2$  de Cramer para medir a associação entre as variáveis. A medida varia de 0 a 1, em que: i) 0 é a ausência da associação; ii) valores altos do  $V^2$  de Cramer indicam uma relação mais forte entre as variáveis; iii) e os valores menores indicam uma relação fraca.

As análises estatísticas univariadas dos dados foram feitas no programa computacional R (R CORE TEAM, 2018), na interface RStudio, por meio do pacote estatístico e de visualização gráfica *ggstatsplot* (PATIL, 2021), que apresenta a distribuição dos dados por meio de gráficos. Os gráficos gerados já apresentam testes de associação. Seguimos protocolos de análise estatística apresentados em Freitag (2021). Descrevemos e discutimos os resultados na seção 4.

## 8.5 RESULTADOS

Por se tratarem de diferentes variáveis, optamos por discutir os resultados de cada uma em subseções separadas. Na primeira, apresentamos os resultados relativos aos pronomes pessoais de segunda pessoa e na segunda, aos clíticos. Já na terceira, discutimos os resultados referentes aos possessivos de segunda pessoa, e, na quarta, os resultados das preposições *a*, *em* e *para* quando introduzem complementos locativos de verbos de movimento. Ao final, apresentamos um panorama geral sobre a relação entre a mobilidade e o tempo de inserção no curso e os usos das variáveis foco das pesquisas e tecemos nossas considerações finais.

### 8.5.1 PRONOMES PESSOAIS DE 2P

O paradigma pronominal de segunda pessoa no PB sofreu alterações com a inserção do pronome *você*, resultando em variação entre o pronome inovador e a forma canônica *tu*, como também no desuso da forma arcaica *vós*. O empreendimento feito para a descrição dessa variação demonstra que ela é fortemente condicionada pela origem do falante, possuindo comportamentos distintos a depender da região (SCHERRE et al., 2011; SCHERRE; ANDRADE; CATÃO, 2021; LOREGIAN-PENKAL, 2004; DIAS, 2007; ALVES, 2010; SANTOS, 2012; COSTA, 2013; SILVA; VITÓRIO, 2017). Apesar do pronome *você*, em (1), ser amplamente utilizado em algumas regiões, como no Nordeste, assim como a sua forma reduzida *cê*, em (2), o pronome *tu*, em (3), é amplamente utilizado por falantes de áreas dialetais da região Sul do país.

(1) *outros clichezinhos você além de **você** se sentir bem ou **você** pode seguir até os conselhos que têm no próprio livro (AUR4FF).*<sup>3</sup>

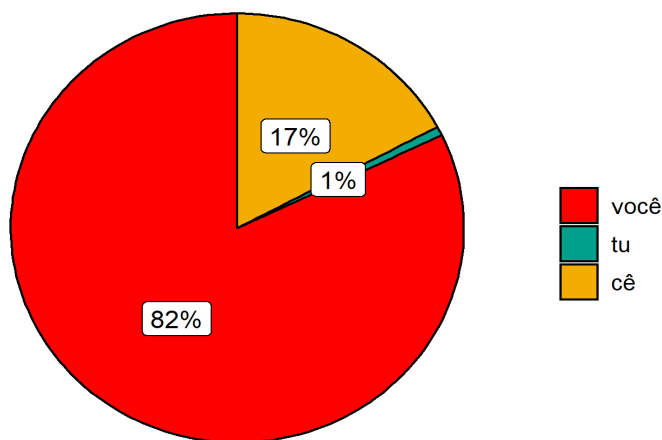
(2) *por quê? eu amo dormir vei **cê** é doido é faço isso porque (ANT1MI).*

(3) *rouba teu telefone e **tu** num tá com teu telefone ele vai e mata **tu** ou um dos teus (BIA4FI).*

Os dados de descrição do português falado em Sergipe (CARDOSO, 2008), a partir do Atlas Linguístico do Brasil (ALIB), seguem a tendência das pesquisas sociolinguísticas para a região Nordeste: predomínio para a forma *você* e baixa frequência para a variante *tu*, sem apresentar resultados para a variante *cê*. É de se esperar, com isso, que em nossos dados, compostos apenas por falantes nordestinos, haja predomínio para a variante *você*, com amplo desuso de *tu*.

Figura 8.1: Pronomes pessoais de 2P na amostra Deslocamentos (2020).

$$\chi^2_{\text{gof}}(2) = 2725.85, p = 0.00, \hat{C}_{\text{Pearson}} = 0.73, \text{CI}_{95\%} [0.71, 1.00], n_{\text{obs}} = 2,453$$



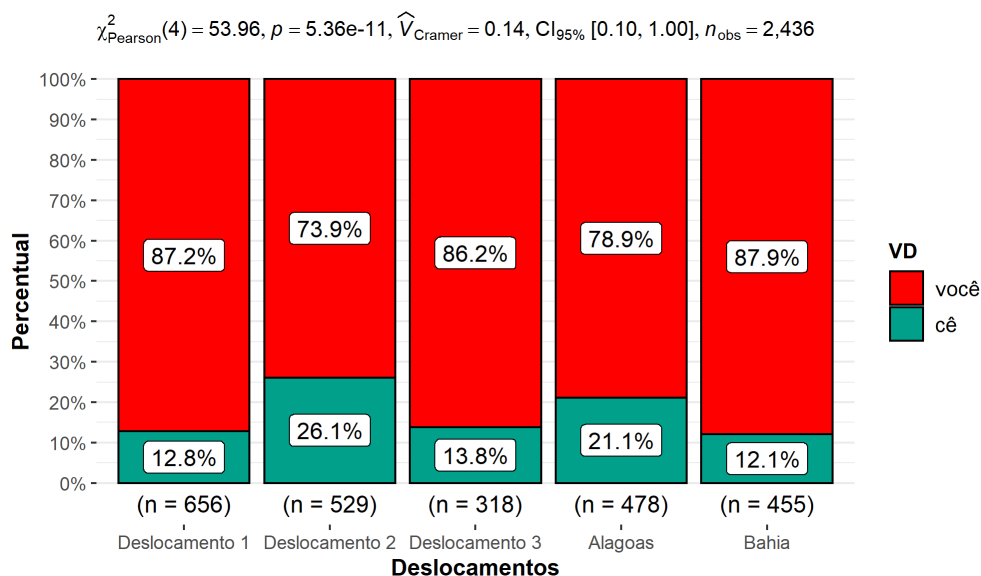
Há predomínio da variante *você* (82% 2.014/2.453) como pronome pessoal de 2P, seguido pelo pronome *cê* (17% 422/2.453). O pronome *tu* apresenta uma frequência bastante reduzida, uma vez que representa apenas 1% (17/2.453) de todas as ocorrên-

3 Os exemplos utilizados são retirados dos dados que compõem a amostra Deslocamentos (2020). Os códigos que seguem os exemplos são as informações relativas aos informantes. As três primeiras letras são a abreviação do nome do informante; o número representa o perfil de deslocamento (1, 2, 3 e 4); a letra após o número representa o gênero do informante (M ou F); por fim, a última letra representa o tempo no curso (I e F).

cias dos pronomes. A distribuição da variável dependente é estatisticamente significativa ( $\chi^2(2, N = 2.453) = 2.725.85$   $p < 0.001$ ). Nossos resultados para os pronomes pessoais de 2P seguem a tendência das pesquisas sobre o português falado na região Nordeste (SCHERRE et al., 2011; SILVA; VITÓRIO, 2017), uma vez que os falantes da amostra Deslocamentos (2020) empregam o pronome *você* como forma de se direcionar ao seu interlocutor, podendo utilizar também o pronome *cê*, com uso reduzido da variante *tu*.

Como há poucas ocorrências do pronome *tu* (17/2.453), análises estatísticas podem não apresentar resultados confiáveis, já que haverá perfis com poucas ou nenhuma ocorrência do pronome. Frente a isso, removemos os dados de *tu* para a observação das variáveis deslocamento (Figura 8.2) e tempo no curso (Figura 8.3), mantendo apenas dados de *você* e *cê*.

**Figura 8.2:** Pronomes pessoais de 2P na amostra Deslocamentos (2020) quanto ao perfil de deslocamento.



A maior frequência para a variante *você* é observada na fala de estudantes oriundos da Bahia (87.9% 400/455) e do Deslocamento 1 (87.2% 572/656). O pronome *cê*, por sua vez, obtém a maior frequência com falantes do Deslocamento 2 (26.1% 138/529), seguido de Alagoas (21.1% 101/478). A distribuição dos pronomes pessoais de 2P quanto aos perfis de deslocamento é estatisticamente significativa ( $\chi^2(4, N = 2.436) = 53.96$   $p < 0.001$ ), com associação fraca ( $V^2 = 0.14$ ).

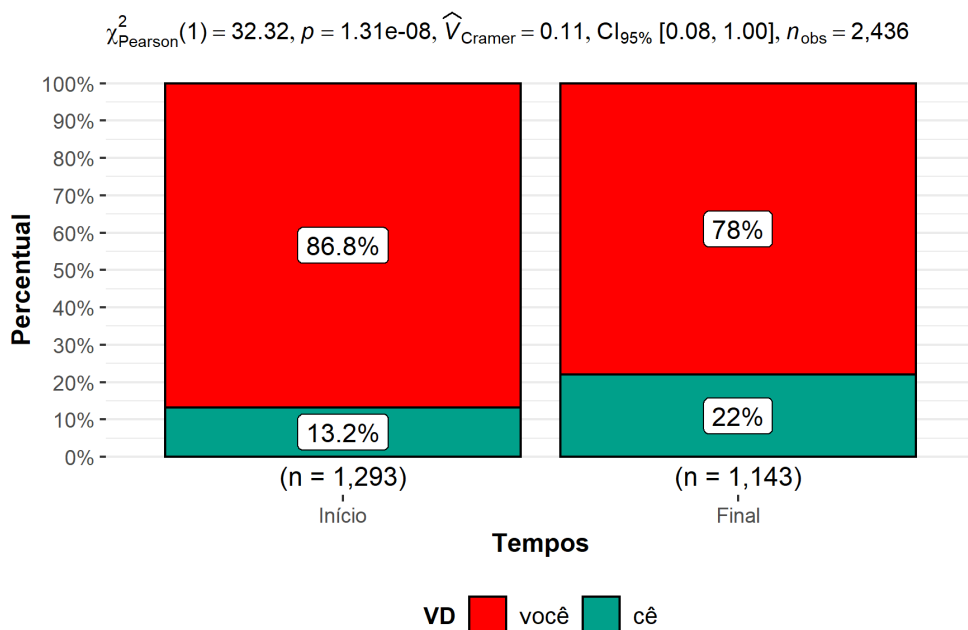
Em algum nível, há diferentes padrões comportamentais entre os perfis dos estudantes quando considerada a sua mobilidade, sua região de origem. O maior uso de *cê* por falantes do Deslocamento 2 e Alagoas pode ser um indício para a implementação da variante ser maior nas comunidades das quais os alunos provêm. O uso do *você*,



por sua vez, não nos é surpresa, uma vez que sua frequência é cada vez mais crescente nas comunidades linguísticas do Nordeste (como também em outras regiões do país).

Podemos observar, ainda, o efeito da integração à comunidade acadêmica por vias de tempo, frente à possibilidade de haver mudança em tempo aparente (Figura 8.3).

**Figura 8.3:** Pronomes pessoais de 2P na amostra Deslocamentos (2020) quanto ao tempo no curso.



Há mudança entre os tempos quanto ao uso da variante *cê*, que passa de 13.2% (171/1.293) ao início do curso para 22% (251/1.143) ao final. A distribuição dos pronomes pessoais de 2P quanto ao tempo no curso é estatisticamente significativa ( $\chi^2(1, N=2.436) = 32.32, p < 0.001$ ), com associação fraca ( $V^2 = 0.11$ ). Os falantes parecem estar se acomodando a um uso cada vez maior para a forma *cê*, devido a uma crescente implementação da variante na fala dos estudantes que compõem nossa amostra. Ainda assim, há predomínio para a variante *você* em ambos os tempos de curso. Uma justificativa para o ainda predomínio do pronome *você* é o perfil dos estudantes que estão em um nível de escolaridade mais elevado e o papel social da variante *cê*, que ainda possui maior caráter informal. Utiliza-se *você* uma vez que a forma possui maior aceitação social e normativa como pronome pessoal de 2P nas mais diversas situações comunicativas, além de que *cê* é uma forma mais recente e, por isso, ainda não possui ampla implementação nas comunidades.

Desse modo, para a variação dos pronomes pessoais de 2P na amostra Deslocamentos (2020), podemos observar que há diferenças quanto ao perfil de deslocamento do informante. A integração do estudante na comunidade acadêmica por tempo no curso evidencia o uso cada vez mais frequente para a variante inovadora *cê*, que dis-

puta com a variante conservadora *você*. Além disso, o aumento no uso da variante *cê* ao longo dos anos de curso evidencia uma possível reconfiguração da norma culta do século XXI (RODRIGUES, 2021) com maior influência de segmentos marginalizados, tendo em vista que, de acordo com a literatura, a variante *cê* dispõe de menor prestígio social que *você*. O desuso de *tu*, por sua vez, demonstra que seu uso tende a ser mais restrito a comunidades geograficamente específicas, como também um efeito do tipo de entrevista conduzida, que não contribui para o uso linguístico direcionado especificamente ao interlocutor.

### 8.5.2 CLÍTICOS DE 2P

O crescente uso de *você* no paradigma de 2P e a reestruturação resultante desse uso levam a uma crescente implementação do pronome *lhe* (clítico de terceira pessoa), em (4), no paradigma de 2P, variando com a forma *te* (5) (SCHERRE; DUARTE, 2016; DALTO, 2002; ARRUDA, 2006; SANTANA, 2014; ALMEIDA, 2016; GAMA, 2018; ARAÚJO; BORGES, 2021). Tal qual a variação nos usos dos pronomes pessoais do caso reto, essa variável também apresenta distinção dialetal (SCHERRE; DUARTE, 2016; ALMEIDA, 2016), uma vez que falantes de diferentes comunidades tendem a empregar diferentes padrões de uso.

(4) *mas tem professor que tá ali e **lhe** ajuda os meus orientadores mesmo*  
(DANIFF).

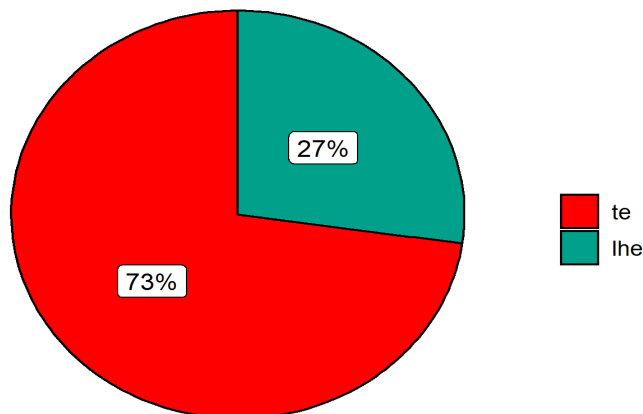
(5) *porque acho que (hes) a vida acadêmica **te** cobra isso* (ALIIFI).

Ramos (1999) destaca a existência de três gramáticas quanto aos usos dos clíticos de 2P: (1) usa-se *você* como pronome pessoal de 2P, o *lhe* como clítico para relações de respeito e o *te* em contextos familiares e informais – gramática do eixo Rio-São Paulo; (2) utiliza-se *você* como pronome de 2P e o clítico *lhe* como substituto à forma *te* – gramática do português falado em capitais do Nordeste: Maceió, Recife, Salvador e João Pessoa; (3) há distinção *tu* e *você*, aquela no tratamento íntimo/familiar e esta, no tratamento respeitoso; os clíticos *te* e *lhe* seguem a mesma distinção, respectivamente – gramática dos estados do Norte e do Maranhão. Scherre e Duarte (2016) argumentam que o pronome *te* ainda é consistentemente utilizado no Brasil independentemente da região dialetal, enquanto *lhe* tem aparecido em variação com *te*, processo iniciado na região Nordeste, sendo também encontrado em outros locais.

O uso de *lhe* como clítico de 2P é mais evidente em dialetos do Nordeste do que em dialetos de outras regiões do Brasil, o que pode ser refletido em nossos dados (Figura 8.4).

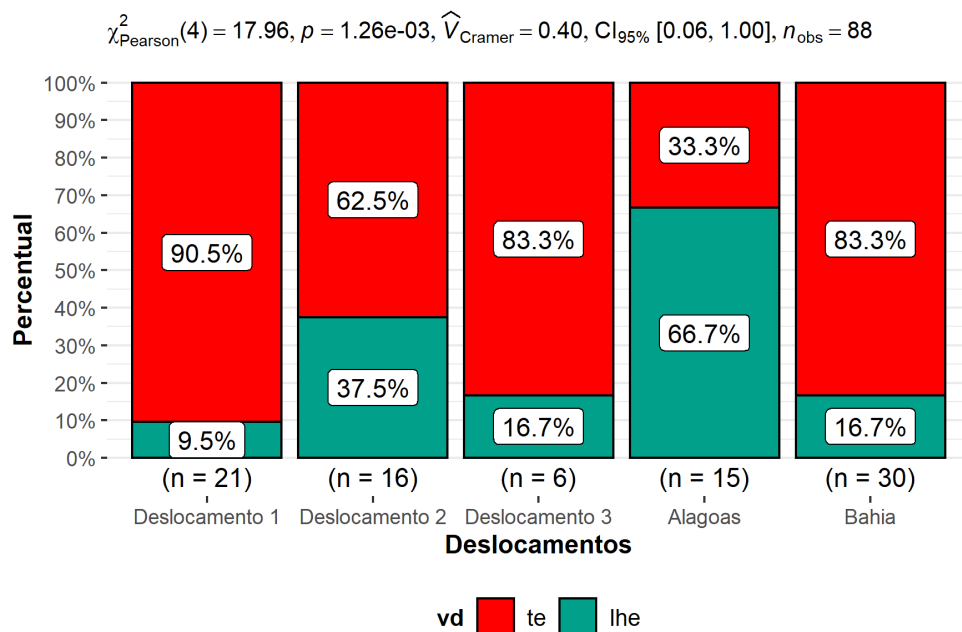
**Figura 8.4:** Clíticos de 2PS na amostra Deslocamentos (2020).

$$\chi^2_{\text{gof}}(1) = 18.18, p = 2.01\text{e-}05, \hat{C}_{\text{Pearson}} = 0.41, \text{CI}_{95\%} [0.27, 1.00], n_{\text{obs}} = 88$$



Há predomínio para o clítico *te* (73% 64/88), com frequência relativamente baixa para o *lhe* (27% 24/88). A distribuição da variável é estatisticamente significativa ( $\chi^2(1, N = 88) = 18.18$   $p < 0.001$ ). Na fala de estudantes universitários da UFS o clítico de 2P mais empregado é o *te*, o que vai ao encontro do que pontuam Scherre e Duarte (2016) sobre a permanência do pronome *te* na fala dos brasileiros e a implementação de *lhe*, mas não substituindo o *te*, como também argumenta Ramos (1999). Esse resultado é semelhante àquele encontrado por Araújo e Borges (2021) em relação à fala de universitários do interior do estado de Sergipe, o que pode dar indícios de uma marca dialetal do estado. Podemos observar, contudo, que na distribuição quanto a cada perfil de deslocamento dos falantes (Figura 8.5), há diferenças nos usos em relação à região de origem dos estudantes, evidenciando uma polaridade entre Sergipe e Bahia vs. Alagoas.

Figura 8.5: Clíticos de 2PS na amostra Deslocamentos (2020) quanto ao perfil de deslocamento.



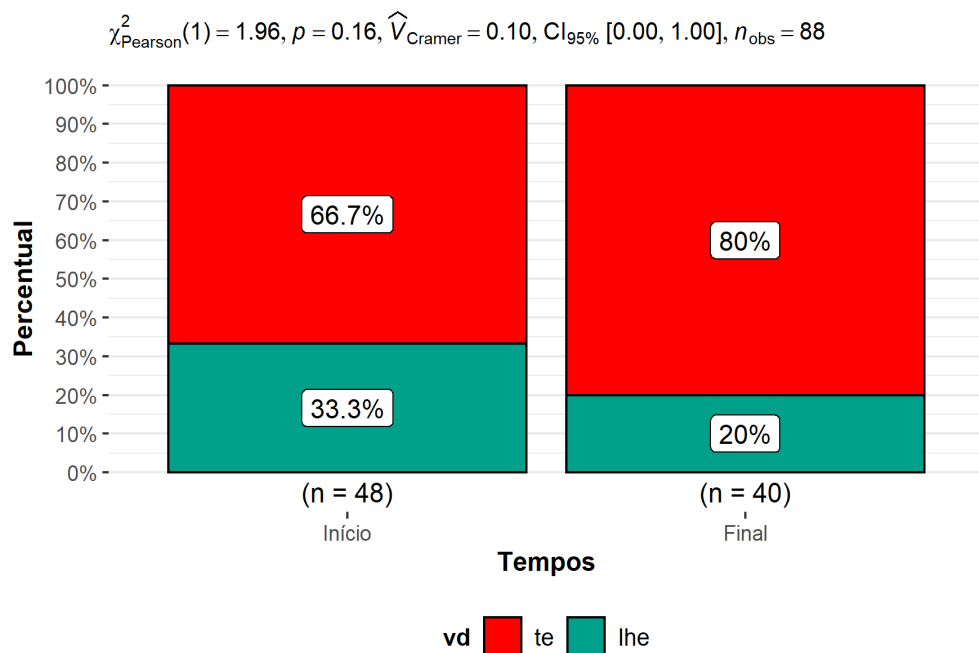
A maior frequência para o clítico *lhe* é observada na fala de estudantes oriundos de Alagoas (66.7% 10/15), único perfil de deslocamento no qual há predomínio da variante, o que dialoga com o que propõe Ramos (1999) para o comportamento do estado, ainda que haja números para *te*. Falantes do Deslocamento 2 (37.5% 6/16), oriundos do interior do estado de Sergipe e que fazem o percurso diário, correspondem ao segundo maior uso para *lhe*. Os deslocamentos 1 (9.5% 2/21), 3 (16.7% 1/6) e Bahia (16.7% 5/25) apresentam baixas frequências para essa variante, fato que vai ao encontro dos estudos realizados com falantes de diferentes cidades da Bahia (ALMEIDA, 2016; GAMA, 2018). Há uma interferência estatisticamente significativa entre a variável dependente e a variável deslocamento ( $\chi^2(4, N = 88) = 17.96$   $p < 0.001$ ), com associação média/fraca ( $V^2 = 0.40$ ).

A região de origem do falante tende a interferir quanto aos usos da variante *lhe* no português falado por estudantes da UFS. Ainda que haja predomínio de *te* em quatro dos cinco perfis de deslocamento, o maior uso de *lhe* por falantes de Alagoas pode ser evidência do perfil linguístico do estado para maior uso de *lhe*, corroborando a hipótese de Ramos (1999) de que o padrão dialetal desse estado pode ser para a forma *lhe*.

As diferenças entre os perfis de deslocamento é indício do caráter dialetal da variação, uma vez que falantes de regiões distintas apresentam comportamento linguístico diferente. Considerando que a variável é dialetalmente distinta, é possível que a integração à nova comunidade linguística interfira nos usos dos falantes, podendo haver mudança linguística na fala do indivíduo. A variável tempo no curso, que per-

mite observar mudanças em tempo aparente, pode nos dar informações sobre essa mudança (Figura 8.6).

**Figura 8.6:** Clíticos de 2P na amostra Deslocamentos (2020) quanto ao tempo no curso.



Ao início do curso (33.3% 16/48) os falantes fazem maior uso de *lhe* do que ao final do curso (20% 8/40), uma mudança de 13.3% na frequência, evidenciando mudança quanto aos usos dos clíticos de 2PS, provável resultado da alta exposição ao pronome *te*, frequente na comunidade da UFS. O *tempo no curso* parece não interferir nos usos da variante em nossa amostra. Mesmo que haja diferenças entre os usos linguísticos de alunos do início e do final do curso, estatisticamente não podemos inferir que há um efeito do tempo no curso sobre a variável dependente.

Com isso, para a variação nos clíticos de 2P na amostra Deslocamentos (2020), há diferenças quanto o perfil de deslocamento do informante, indício para a distinção dialetal da variação, mas, quanto ao efeito da mobilidade, a integração do estudante na comunidade acadêmica por tempo no curso, não há diferenças entre os usos linguísticos de alunos do início e do final do curso.

### 8.5.3 POSSESSIVOS DE 2P

Assim como ocorreu para os clíticos *te* e *lhe*, a inserção do pronome *você* acarretou variação nos usos de possessivos na 2P. Como argumenta Câmara Jr. (1979), a forma *seu* tornou-se ambígua, fazendo referência tanto à 3P quanto à 2P, acompanhando o

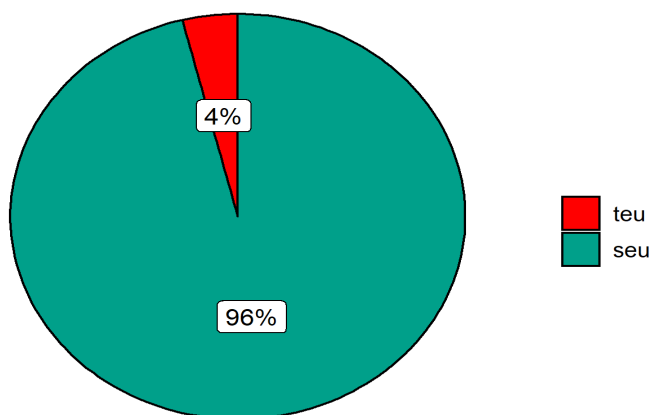
pronome *ocê*, levando a forma possessiva de 2P, *teu*, a variar com a forma *seu*. Estudos sobre esse fenômeno são escassos no PB em amostras sincrônicas de fala, mas demonstram o uso cada vez mais crescente de *seu* como 2P, em (6), com resquícios do uso de *teu*, em (7) (MENON, 1995; SOARES, 1999; ARDUIN, 2005; MENDES, 2008; SILVA, 2015; MARTINS; MARRA; HAUPT, 2020). Os resquícios de *teu* são observados em comunidades nas quais ainda há predomínio para a variante *tu*: *tu* leva a um uso de *teu*, enquanto *ocê* leva a um uso de *seu*; podendo haver mistura entre os tratamentos.

exemplo (6) a escola dizer “oh se *ocê* trabalhar *ocê* vai ganhar **seu** dinheiro num vai precisar roubar num vai fazer mal a ninguém” (CAT4FF).

exemplo (7) e tu num tá com **teu** telefone ele vai e mata tu ou um dos **teus** pais (BIA4FI).

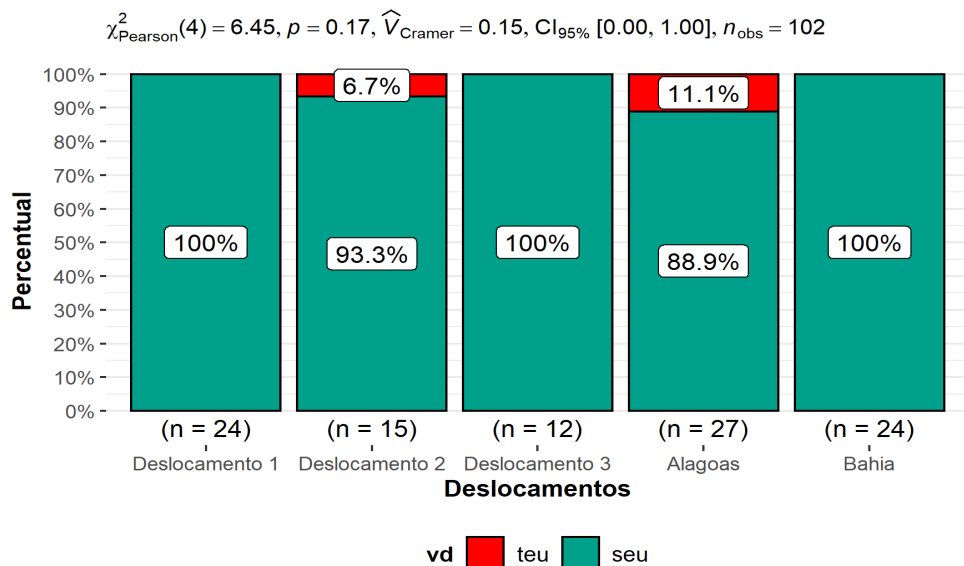
**Figura 8.7:** Possessivos de 2P na amostra Deslocamentos (2020).

$$\chi^2_{\text{gof}}(1) = 86.63, p = 1.31\text{e-}20, \hat{C}_{\text{Pearson}} = 0.68, \text{CI}_{95\%} [0.60, 1.00], n_{\text{obs}} = 102$$



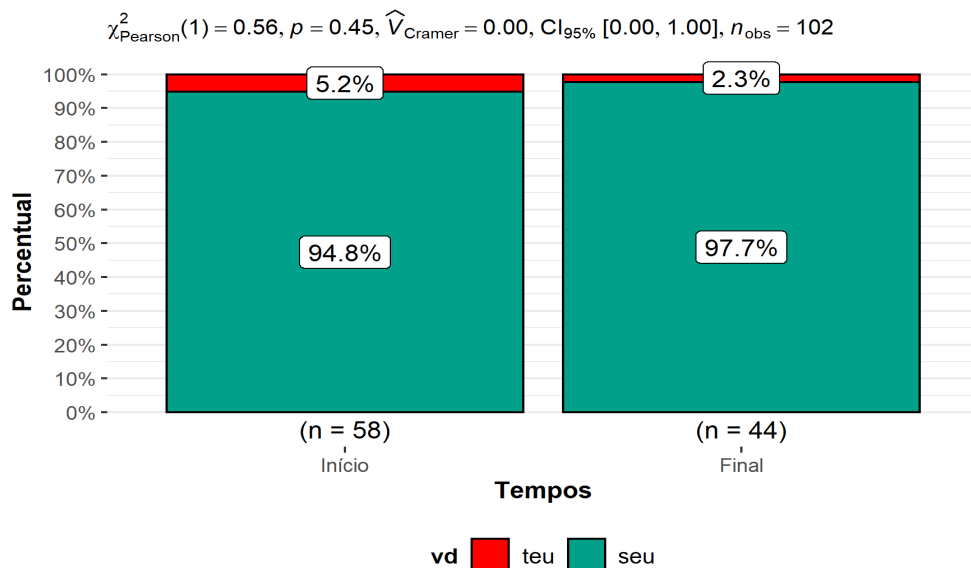
Há predomínio para a forma *seu* (96% 98/102) como possessivo de 2P, com apenas 4% (4/102) de frequência para *teu*, uso bastante reduzido. A distribuição da variável é estatisticamente significativa ( $\chi^2(1, N = 102) = 86.63$   $p < 0.001$ ). Há, em certo grau, uma semicategoricidade para a variação, uma vez que a forma *teu* quase não existe na fala dos informantes que compõem nossa amostra, fato que pode estar relacionado ao baixo emprego do pronome *tu*, como nas regiões pesquisadas por Silva (2015) e Martins, Marra e Haupt (2020). A baixa frequência desse possessivo também é diretamente refletida ao observar os perfis de deslocamento (Figura 8.8).

Como há poucos usos do pronome *teu*, para análise dos possessivos de 2P apresentamos apenas a distribuição das contagens e frequência, uma vez que a distribuição dos dados não atenderia aos requisitos do modelo estatístico adotado (cf. FREITAG, 2021).

**Figura 8.8:** Possessivos de 2P na amostra Deslocamentos (2020) quanto ao perfil de deslocamento.

Os usos do possessivo *teu* são restritos a falantes do Deslocamento 2 (6.7% 1/15) e de Alagoas (11.1% 3/27). Uma vez que há baixa frequência e pouca diferença entre os deslocamentos, a distribuição da variável dependente quanto ao perfil de deslocamento não é estatisticamente significativa, o que não nos permite tecer inferências quanto ao comportamento da variável como dialetalmente distinta, já que os usos entre cada perfil não são tão distintos, e sim similares.

Como forma de observarmos a distribuição, apresentamos o resultado da variável tempo no curso na Figura 8.9.

**Figura 8.9:** Possessivos de 2P na amostra Deslocamentos (2020) quanto ao tempo no curso.

Falantes ao início do curso (5.2% 3/58) fazem maior uso de *teu* do que falantes ao final (2.3% 1/44). Com base nos dados dos diferentes perfis de deslocamento e no tempo de integração à comunidade, vemos que os nossos dados não nos permitem atestar o efeito da mobilidade e a inserção à comunidade quanto à variação e mudança nos usos dos possessivos de 2P. Provavelmente, como resultado do alto uso de *você* e consequente emprego de *seu* em 2P, o uso de *teu* seja limitado em comunidades que não fazem uso da variante *tu*, o que demonstra, em algum nível, efeito dialetal.

#### 8.5.4 PREPOSIÇÕES LOCATIVAS COM VERBOS DE MOVIMENTO

Os verbos de movimento do tipo *ir*, *vir*, *levar* e *voltar* mobilizam as preposições *a*, *em* e *para* em suas regências. O uso variável dessas preposições aponta para uma graduação, sendo *para*, em (8), a preposição mais usada, *em* (9) apresentando uso intermediário e *a* (10) usada em menor proporção (MOLLIKA, 1996a, 1996b; RIBEIRO, 1996; VALLO, 2003; WIEDEMER, 2008; VIEIRA, 2009; ASSIS, 2011; RODRIGUES, 2021; RODRIGUES; FREITAG, 2021).

(8) *fazia atividade já na intenção de ir pra rua pra brincar (ANT1MI).*

(9) *tenho muita vontade de ir mas vou mais no cinema inclusive quero ir assistir Rei Leão (ISA4F1).*

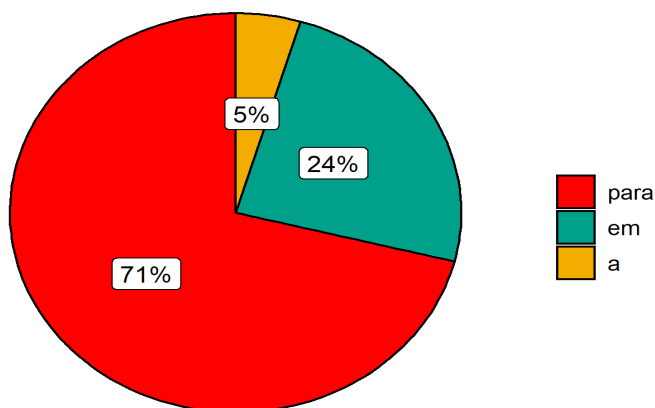


(10) *ah eu gosto de ficar em casa bastante mas eu (est) saindo indo ao teatro (ROM1MI).*

Ainda que a variável apresente distinção dialetal, há poucas diferenças entre a frequência de cada variante, muitas vezes havendo pressão normativa sobre seus usos (MOLLICA, 1996; RIBEIRO, 1996). A variante *em*, por exemplo, é socialmente estigmatizada e de caráter mais interiorano, o que pode resultar em menor frequência para seus usos por falantes mais escolarizados e de centros urbanos maiores. Por outro lado, a variante *a* é socialmente prestigiada, mas seus usos são baixos em diferentes grupos sociais, predominando a variante *para*. Nossa amostra é constituída por falantes de diferentes regiões dialetais, mas todos apresentam traços em comum, como possuir o ensino médio completo. Os resultados podem, em algum nível, refletir tanto efeito dialetal quanto efeito da escolarização (Figura 8.10).

**Figura 8.10:** Variação em preposições locativas de verbos de movimento na amostra Deslocamentos (2020).

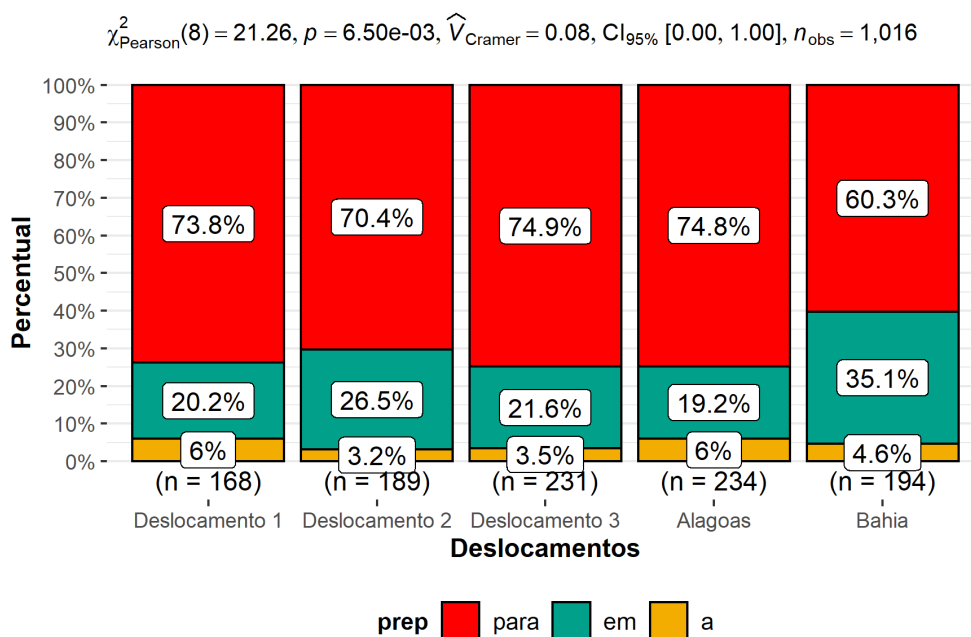
$$\chi^2_{\text{gof}}(2) = 709.89, p = 7.06\text{e-}155, \hat{C}_{\text{Pearson}} = 0.64, \text{CI}_{95\%} [0.62, 1.00], n_{\text{obs}} = 1,016$$



Predomina a preposição *para* (71% 722/1016) em nossos resultados, seguido pela preposição *em* (24% 247/1016), com baixos usos da preposição *a* (5% 47/1016). A distribuição da variável dependente é estatisticamente significativa ( $\chi^2(2, N= 1016) = 709.89$   $p < 0.001$ ). A alta frequência de *para* não nos é surpresa, visto que as pesquisas apontam para o predomínio da forma com verbos de movimento no português brasileiro (MOLLICA, 1996; RIBEIRO, 1996; VALLO, 2003; WIEDEMER, 2008). Do mesmo modo, a maior frequência de *em* em relação à variante *a* segue um padrão já observado em outras regiões do país, no qual *a* está cada vez mais em desuso, à medida em que a preposição *em* é implementada para a regência dos verbos de movimento.

Nossos dados, contudo, estão unificados, considerando todos os informantes. A observação dos perfis de deslocamento pode nos dar evidências para a distinção dialetal (Figura 8.11).

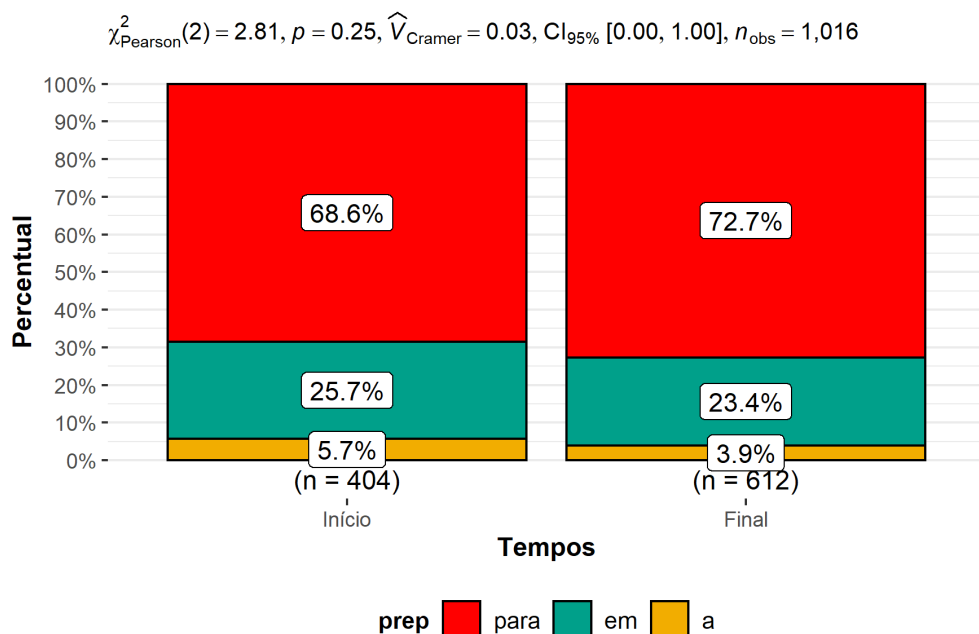
**Figura 8.11:** Variação em preposições locativas de verbos de movimento na amostra Deslocamentos (2020) por perfil de deslocamento.



Há predomínio da variante *para* em todos os perfis de deslocamento, o que reforça a ideia de que essa preposição é a mais utilizada com verbos de movimento. A maior frequência da preposição *em* é observada no deslocamento Bahia (35.1% 68/194), seguida por falantes do Deslocamento 2 (26.5% 50/189), do interior do estado de Sergipe. Os falantes de Alagoas (19.2% 45/234) são os que fazem o menor uso da variante, e os que fazem o maior uso da preposição *a* (6% 14/234), juntamente aos falantes do Deslocamento 1 (6% 10/168), naturais da Região Metropolitana do estado de Sergipe. Essa distribuição é estatisticamente significativa ( $\chi^2(8, N = 1016) = 21.26, p < 0.001$ ), com associação fraca ( $V^2 = 0.08$ ). As diferenças existentes entre os perfis de deslocamento quanto ao uso das preposições *em* e *a* são indícios para os diferentes usos em comunidades distintas, o que pode evidenciar distinção dialetal para a variável.

A região dialetal do falante interfere nos usos que ele faz das preposições; a integração em uma nova comunidade, por vias de tempo, também pode interferir nesses usos, o que nos leva a controlar o tempo no curso (Figura 8.12).

**Figura 8.12:** Variação em preposições locativas de verbos de movimento na amostra Deslocamentos (2020) por tempo no curso.



À medida em que a preposição *para* aumenta a sua frequência entre o início (68.6% 277/404) e o final (72.2% 445/612) do curso, as preposições *em* (25.7% 104/404 e 23.4% 143/612) e *a* (5.7% 23/404 e 3.9% 24/612) diminuem. Há uma certa mudança em direção ao maior uso da variante mais disseminada no português brasileiro, o *para*. Uma explicação possível é a interferência do fator normativo sobre os usos universitários. Por causa das prescrições normativas e pelo desejo de se sentir pertencente à comunidade de práticas em que está inserido, o falante tende a se aproximar dos usos feitos por essa comunidade. Entretanto, estatisticamente não há diferenças entre o início e o final do curso quanto ao uso das preposições.

Para a variação na regência de verbos de movimento, há predomínio da preposição *para*, seguindo tendências gerais para a variação no português brasileiro. A forma estigmatizada *em* obtém sua maior ocorrência com falantes do deslocamento 4, Bahia, enquanto a forma prestigiada *a* obtém sua maior expressividade com falantes do Deslocamento 1 e de Alagoas. As diferenças quanto aos perfis de deslocamento indicam diferenças entre o comportamento linguístico das comunidades, das quais os falantes que compõem a amostra provêm. Não observamos, contudo, efeito da mobilidade por meio da integração por vias de tempo.

## 8.6 SISTEMATIZAÇÃO DOS RESULTADOS

Nesta pesquisa, trabalhamos com a hipótese de que as variáveis foco deste estudo – (i) pronomes pessoais do caso reto de segunda pessoa do singular (*tu*, *você* e *cê*); ii) clíticos de segunda pessoa do singular (*te* e *lhe*); iii) possessivos de segunda pessoa do singular (*seu* e *teu*); e iv) variação entre as preposições *a*, *em* e *para* quando introduzem complementos locativos de verbos de movimento) – são dialetalmente distintas, podendo apresentar comportamentos distintos entre os perfis de deslocamento, sendo possível haver mudança na fala dos informantes como resultado do contato e da integração do estudante por vias de tempo à comunidade acadêmica. Para verificar a nossa hipótese, analisamos o comportamento dessas variáveis quanto ao perfil de deslocamento dos informantes e o tempo no curso. No Quadro 8.2, apresentamos uma síntese com os resultados da nossa pesquisa.

**Quadro 8.2:** Resultados por variável

Variável	Deslocamento	Tempo no curso
Pronomes de 2P	Houve efeito	Houve efeito
Clíticos 2P	Houve efeito	Não houve efeito
Possessivos 2P	Não houve efeito	Não houve efeito
Preposições <i>para</i> , <i>a</i> , <i>em</i>	Houve efeito	Não houve efeito

Em relação ao perfil de deslocamento, nossa hipótese foi confirmada para três dos quatro fenômenos analisados: i) pronomes de segunda pessoa do singular *tu*, *você* e *cê*; ii) clíticos de segunda pessoa do singular: *te* e *lhe*; e iii) variação entre as preposições *a*, *em* e *para* quando introduzem complementos locativos de verbos de movimento. A região de origem do estudante foi significativa nos usos das variáveis. Por outro lado, a mudança como resultado do contato e da integração ao ambiente acadêmico só foi confirmada para a variação dos pronomes pessoais de segunda pessoa do singular. As variáveis independentes analisadas não foram estatisticamente significativas para a variação no uso dos pronomes possessivos de segunda pessoa do singular *teu* e *seu*, uma vez que os dados eram poucos e não nos permitiram utilizar modelos estatísticos para a análise.

## 8.7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudos sobre as variáveis i) pronomes de segunda pessoa do singular *tu*, *você* e *cê*; ii) clíticos de segunda pessoa do singular: *te* e *lhe*; iii) possessivos de segunda pessoa do singular: *teu* e *seu*; e iv) preposições *a*, *em* e *para* quando introduzem complementos locativos de verbos de movimento, têm seguido principalmente os moldes tradicionais de coleta de dados na Sociolinguística. Neste trabalho, contudo, observamos o comportamento dessas variáveis em uma amostra com diferentes perfis geográficos, considerando o ambiente universitário como um espaço rico para verificar efeitos de contato e da mobilidade na fala.

Acreditamos que mais pesquisas que abordem os efeitos dos deslocamentos e contatos na fala de estudantes universitários em regiões interioranas devem ser feitas para se ter um maior panorama desses efeitos nas variáveis aqui estudadas em fluxos das regiões metropolitanas para o interior. Consideramos também relevantes as pesquisas que controlem as redes sociais dos falantes, para verificar os possíveis efeitos das redes na acomodação ou preservação dialetal nos usos das variáveis investigadas.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, G. de S. Uso dos Pronomes-Objetos de Segunda na Fala de Salvador e de Santo Antônio de Jesus. *Veredas Atemática*, v. 20, n. 2, p. 122-135, 2016.
- ALVES, C. C. B. *O uso do tu e do você no português falado no Maranhão*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.
- ARAÚJO, A. S.; BORGES, D. K. V. Variação no uso de pronomes-objeto de segunda pessoa na fala de estudantes Itabaianenses. *Paraguaçu*, v. 1, n. 1, p. 146-167, 2021.
- ARDUIN, J. *A variação dos pronomes possessivos de segunda pessoa do singular teu/seu na Região Sul do Brasil*. 2005. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2005.
- ARRUDA, N. C. *A Realização do Objeto Direto no Português Brasileiro Culto Falado: um estudo sincrônico*. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, 2006.
- ASSIS, T. S. B. *A regência variável dos verbos de movimento no português popular do interior do estado da Bahia*. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia (Instituto de Letras). Salvador, 2011.
- AUER, P. Mobility, contact and accommodation. In: LLAMAS, C.; MULLANY, L.; STOCKWELL, P. (eds.). *The Routledge companion to sociolinguistics*. Routledge, 2007, p. 129-135.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *The Urbanization of Rural Dialect Speakers: a Sociolinguistic Study in Brazil*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- BREZINA, V.; WEILL-TESSIER, P.; MCENERY, A. #LancsBox v. 5.x. [software]. 2020. Disponível em: <http://corpora.lancs.ac.uk/lancsbox/>. Acesso em: 23 jan. 2022.
- BRITAIN, D. Space, diffusion and mobility. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (eds.). *The handbook of language variation and change*. Blackwell publishing, p. 604-637, 2008.

- CÂMARA JR., J. M. *História e estrutura da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro.
- CAMPBELL-KIBLER, K.; WALKER, A.; ELWARD, S.; CARMICHAEL, K. Apparent time and network effects on long-term cross-dialect accommodation among college students. *U. Penn Working Papers in Linguistics*, v. 20, n. 2, 2014.
- CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P. *Dialectology*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- CORRÊA, T. R. A. *A variação na realização de /t/ e /d/ na comunidade de práticas da UFS: mobilidade e integração*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Sergipe, 2019.
- COSTA, B. L. *Variação dos pronomes tu/você nas capitais do norte*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará. Belém, 2013.
- DALTO, C. D. de L. *Estudo Sociolinguístico dos Pronomes-Objetos de Primeira e de Segunda Pessoas nas Três Capitais do Sul do Brasil*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal do Paraná, 2002.
- DIAS, E. P. *O uso do tu no português brasileiro falado*. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Brasília. Brasília, 2007.
- FREITAG, R. M. K. Banco de dados Falaes Sergipanos. *Working Papers em Linguística*, v. 14, n. 1, p. 156-164, 2013.
- FREITAG, R. M. K. Falaes sergipanos. In: ATAÍDE, C. et al. (org.). *Gelne 40 anos*, 2017, p. 119-130.
- FREITAG, R. M. K. *A língua do universitário: fala, leitura e escrita para o letramento acadêmico*. 2018. Projeto de pesquisa. Universidade Federal de Sergipe, 2018.
- FREITAG, R. M. K. *Variáveis categóricas*. Disponível em: <https://rkofreitag.github.io/Categorica.html/>. Atualizado em: 2021-04-11.
- GAMA, D. E. R. S. O uso variável dos clíticos para referenciar o interlocutor. *Revista Digital dos Programas de Pós-Graduação do Departamento de Letras e Artes da UEFS*, v. 19, n. 2, p. 102-115, 2018.
- GUEDES, S. Emprego do artigo definido em situação de contato dialetal. *Domínios de Lingu@gem*, v. 13, n. 4, p. 1401-1432, 2019.
- LABOV, W. *Principles of linguistic change, volume 1: Internal factors*. Oxford: Blackwell, 1994.
- LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. University of Pennsylvania Press, 1972.
- LONGERIAN-PENKAL, L. *(Re)análise da referência de segunda pessoa na fala da região sul*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2004.
- MARTINS, M. R. A. S.; MARRA, D.; HAUPT, C. *Os usos alternados das formas pronominais de segunda pessoa do singular cê, você e tu na comunidade linguística de Porto Nacional, Tocantins*, 2020.

- MENDES, F. Variação estilística e genericidade: a variação de pronomes possessivos de segunda e terceira pessoa do singular. *In: Anais do CELSUL*, 2008.
- MENON, O. P. S. Reestruturação do sistema possessivo em português. *In: Anais do VIII Seminário do Centro de Estudos lingüísticos e literários do Paraná*. Umuarama, PR, UNIPAR/FAFID, p. 334-338, 1995.
- MOLLICA, M. C. M. Influência dos fatores sociais sobre a regência variável do verbo *ir* de movimento. *In: SILVA, Gisele M. O. & SCHERRE, Maria Marta P. (org.) Padrões sociolingüísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996a.
- MOLLICA, M. C. M. A regência variável do verbo *ir* de movimento. *In: SILVA, G. M. O. & SCHERRE, M. M. P. (org.) Padrões sociolingüísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996b.
- OUSHIRO, L. Questões e métodos: vogais médias pretônicas na fala de migrantes nordestinos em situação de contato dialetal. *In: VIEIRA, M. S. M.; WIEDEMER, M. L. Dimensões e experiências em Sociolinguística*. São Paulo: Blucher, p. 157-87, 2019.
- PATIL, I. Visualizations with statistical details: The ‘ggstatsplot’ approach. *Journal of Open Source Software*, v. 6, n. 61, p. 3167, 2021.
- R CORE TEAM. R: A language and environment for statistical computing. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria, 2018. Disponível em: <https://www.r-project.org/>. Acesso em: 06 jan. 2022.
- RAMOS, C. M. A. *O clítico de 3 pessoa: um estudo comparativo português brasileiro / espanhol peninsular*. 1999. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 1999.
- RIBEIRO, A. J. C. R. *Um caso de uso variável de preposições na chamada fala culta carioca: a regência do verbo Ir de predicação incompleta*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1996.
- RIBEIRO, C. C. S. *Deslocamento geográfico e padrões de uso linguístico: a variação entre as preposições em ~ ni na comunidade de práticas da Universidade Federal de Sergipe*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Sergipe, 2019.
- RODRIGUES, F. G. C. *Variação na regência de complementos locativos de verbos de movimento na fala de universitários da UFS*. 2021. 138f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, 2021.
- RODRIGUES, F. G. C.; FREITAG, R. M. K. Padrões de preposições em complementos locativos de verbos de movimento. *Estudos da Língua(gem)*, v. 19, n. 4, p. 133-156, 2021.



- SANTANA, J. C. D. *Todos os caminhos levam a Feira de Santana: uma viagem socio-linguística para o estudo dos pronomes-objeto no português urbano falado*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual de Feira de Santana, 2014.
- SANTOS, V. M. *Tu vai pra onde... Você vai pra onde?: manifestações de segunda pessoa na fala carioca*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.
- SCHERRE, M. M. P.; ANDRADE, C. Q.; CATÃO, R. C. Por onde transitam o tu e o você no nordeste? *Revista de Letras*, v. 1, n. 40, p. 164-197, 2021.
- SCHERRE, M. M. P.; DIAS, E. P.; ANDRADE, C. Q.; LUCCA, N. N. G.; ANDRADE, A. L. V. S. Tu, você, cê e ocê na variedade brasileira. *Papia*, v. 21, p. 117-134, 2011.
- SCHERRE, M. M.; DUARTE, M. E. L. Main current processes of morphosyntactic variation. In: WETZELS, L.; COSTA, J.; MENUZZI, S. (eds.) *The Handbook of Portuguese Linguistics*. John Wiley & Sons, Inc., 2016, p. 526-544.
- SILVA, I. *Em terras de você o natural é misturar pronomes de segunda pessoa do singular – estudo dos pronomes tu e você no Português Popular do Brasil*. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo, 2015.
- SILVA, S. O. P.; VITÓRIO, E. G. S. L. A. A variação você e cê no sertão alagoano. *Revista Leitura, Maceió*, v. 2, n. 59, p. 122-142, 2017.
- SIQUEIRA, M. O controle da mobilidade em variáveis linguísticas. *UniLetras*, v. 43, p. 1-22, 2021.
- SOARES, A. S. F. *Segunda e terceira pessoa: o pronome possessivo em questão: uma análise variacionista*. 1999. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Paraná, 1999.
- TRUDGILL, P. *Dialects in contact*. Oxford: Basil Blackwell, 1986.
- VALLO, M. A. G. do. *A regência variável do verbo ir de movimento na fala pessoense*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2003.
- VIEIRA, M. J. B. (2009), Variação das preposições em verbos de movimento. *Signum: Estudos Linguísticos*, 12:423-445.
- WIEDEMER, M. L. *A regência variável do verbo IR de movimento na fala de Santa Catarina*. 140f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Curso de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.